SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Relatos de Pesquisa

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i2.e15556

Entre a expectativa e a realidade: A aposentadoria de professores universitários

Between expectation and reality: Retirement of university professors

Entre la expectativa y la realidad: La jubilación de profesores universitarios

Entre l'attente et la realite : La retraite des professeurs d'université

Elaine Milena Alves Genuino*
Faculdade do Cariri Paraibano, Sumé, Paraíba, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-3742-5232

Paulo César Zambroni-de-Souza
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-7353-4420

Como citar
Genuino, E. M. A., & Zambroni-de-Souza, P. C. (2026). Entre a expectativa e a realidade: A aposentadoria de professores universitários. *Revista Subjetividades*, *26*(2), 1-13. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i2.e15556

Histórico de publicação
Submetido em: 28/10/2024 **Aceito em:** 29/08/2025 **Publicado em:** 01/07/2026

Resumo

Este estudo, de cunho qualitativo, foi realizado com quinze professores universitários aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. Teve como objetivo investigar as repercussões da aposentadoria na vida desses docentes. Os participantes tinham entre 62 e 91 anos de idade, sendo nove do gênero feminino e seis do masculino. O tempo de aposentadoria variou entre dois meses e 25 anos; em média, estão aposentados há nove anos e dois meses. Foram aplicados os instrumentos questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos por meio da entrevista foram analisados mediante análise de conteúdo, com recortes por temas e a discussão pautada nas contribuições teóricas da psicodinâmica do trabalho. Os resultados da pesquisa indicaram que a análise da aposentadoria atravessa, dentre outras esferas, questões como demandas do trabalho docente, o contexto em que foi efetivada, idealizações, expectativas e planejamento ou a ausência deles diante dessa nova etapa, a relação dos sujeitos com o trabalho, a falta de reconhecimento e as questões de gênero.

Palavras-chave: trabalho docente, aposentadoria, psicodinâmica do trabalho.

Abstract

This qualitative study was conducted with fifteen retired university professors due to age and/or length of service. Its aim was to investigate the repercussions of retirement on the lives of university professors. The participants ranged from 62 to 91 years old, with nine females and six males. Retirement duration varied from two months to 25 years, with an average of nine years and two months. Two instruments were employed: a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The interview results were analyzed using content analysis, focusing on themes and discussing the theoretical contributions of Psychodynamics of Work. The research findings indicate that retirement analysis encompasses, among other aspects, issues such as: demands of teaching work, the context in which retirement

***Autora correspondente**
E-mail: aelaine061@gmail.com

CC BY NC

occurred, idealizations, expectations, planning, or the lack thereof in this new stage, individuals' relationship with work, lack of recognition, and gender issues.

Keywords: *teaching work, retirement, psychodynamics of work.*

Resumen

Este estudio, de naturaleza cualitativa, se realizó con quince profesores universitarios jubilados por edad y/o tiempo de servicio. Tuvo como objetivo investigar las repercusiones de la jubilación en la vida de los profesores universitarios. Los participantes tenían entre 62 y 91 años de edad, siendo nueve mujeres y seis hombres. La duración de la jubilación varió entre dos meses y 25 años, con un promedio de nueve años y dos meses. Se utilizaron dos instrumentos: un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semiestructurada. Los resultados de la entrevista fueron analizados mediante análisis de contenido, centrándose en temas y discutiendo las contribuciones teóricas de la Psicodinámica del Trabajo. Los resultados de la investigación indicaron que el análisis de la jubilación aborda, entre otros aspectos, cuestiones como: las demandas del trabajo docente, el contexto en el que se llevó a cabo, idealizaciones, expectativas y planificación, o la ausencia de estas frente a esta nueva etapa, la relación de los sujetos con el trabajo, la falta de reconocimiento y las cuestiones de género.

Palabras clave: *trabajo docente, jubilación, psicodinámica del trabajo.*

Résumé

Cette étude qualitative a été réalisée avec quinze professeurs d'université retraités en raison de l'âge et/ou du temps de cotisation. Elle visait à examiner les répercussions de la retraite sur la vie des professeurs d'université. Les participants avaient entre 62 et 91 ans, dont neuf femmes et six hommes. La durée de la retraite variait de deux mois à 25 ans, avec une moyenne de neuf ans et deux mois. Deux instruments ont été utilisés : un questionnaire sociodémographique et une interview semi-structurée. Les résultats obtenus à partir des interviews ont été analysés par analyse de contenu, avec des découpages thématiques et une discussion basée sur les contributions théoriques de la Psychodynamique du Travail. Les résultats de la recherche ont indiqué que l'analyse de la retraite traverse, entre autres, des questions telles que : les exigences du travail enseignant, le contexte dans lequel elle a été réalisée, les idéalisations, les attentes et la planification ou l'absence de celles-ci face à cette nouvelle étape, la relation des sujets avec le travail, le manque de reconnaissance et les questions de genre.

Mots-clés : *travail enseignant, retraite, psychodynamique du travail.*

O o mundo do trabalho, estruturado pelo acúmulo de capital e de lucro, tem sido marcado por um distanciamento contínuo entre as práticas organizacionais e os direitos sociais, dificultosamente conquistados. Em paralelo, tem-se vinculado à precarização social, à destruição ambiental e ao adoecimento de trabalhadores. Em decorrência das implicações desses fenômenos sobre os indivíduos, compreende-se que o trabalho, em sua densidade, não deve ser concebido apenas como um meio de ganhar a vida (Franco et al., 2010).

É característico do ser humano associar o trabalho à honra e à dignidade (Abreu, 2014). Embora esse fenômeno tenha passado por diferentes arranjos e sofrido mudanças em seus modos de produção, ainda é o principal meio de manutenção da subsistência e de garantia do lugar do homem na sociedade (Cruz et al., 2016). Assim, o trabalho é um importante mediador de integração social, com forte influência na constituição da subjetividade humana (Seligmann-Silva et al., 2010).

Por essa razão, o afastamento do mundo do trabalho se torna um marco na vida das pessoas, com fortes implicações, especialmente para a autoimagem e para as relações sociais. A reestruturação da vida após essa saída ocasiona alguns questionamentos, demanda diversos enfrentamentos e requer processos de aprendizagem e de adaptação a um novo estilo de vida (Fontoura et al., 2015). Esse fenômeno é ainda mais complexo quando tal afastamento acontece pela chegada da aposentadoria (Kegler & Macedo, 2015; Krawulski et al., 2017).

Apesar de remeter a uma interrupção da atividade de trabalho, geralmente praticada durante anos, a aposentadoria não deve ser caracterizada somente dessa forma (Amaral & Torres, 2017). Esse fenômeno, longe de ser um processo linear e pontual, é marcado por ambivalências que envolvem uma gama de expectativas e condições cujas implicações atravessam as esferas subjetivas e sociais. O modo como a aposentadoria será encarada depende do contexto no qual o indivíduo está inserido e das particularidades do seu cenário de vida (Antunes & Parizotto, 2013; Antunes et al., 2018; França et al., 2013).

Quando se trata da aposentadoria de professores universitários, especialmente de universidades públicas, esta comporta algumas particularidades, a saber: o elevado nível de qualificação dos docentes; o grau de autonomia e de flexibilidade na organização da jornada de trabalho; e o reconhecimento social fornecido pela profissão. Por outro lado, a docência envolve uma rotina acadêmica exaustiva e, por vezes, considerada massacrante (Borsoi & Pereira, 2017).

Além disso, o modo como a aposentadoria é vivenciada por cada professor depende da percepção e dos significados que atribui a esse fenômeno (Staviski et al., 2020). Para alguns, a aposentadoria, quando efetivada, pode representar um período desejado e de merecimento, ao passo que, para outros, pode determinar um momento de rompimento e isolamento. De um modo ou de outro, a aposentadoria marca uma ruptura que traz consigo a necessidade de reestruturação da própria identidade e dos novos papéis a serem desempenhados (Machado & Lucas, 2017).

Diante do exposto, ao considerar os efeitos do trabalho na vida cotidiana e as especificidades da aposentadoria docente, questiona-se como professores universitários vivenciam essa etapa. Desse modo, este artigo teve como objetivo investigar as repercussões da aposentadoria na vida desses profissionais. Com vistas a fundamentar este estudo, foram utilizadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho.

Psicodinâmica do Trabalho

A psicodinâmica do trabalho tem Christophe Dejours como seu principal representante. Nos anos 1970, o médico, psiquiatra e psicanalista já havia publicado diversos estudos sobre a temática saúde e trabalho, tornando-se um dos principais precursores na área (Dejours et al., 1994). Em 1980, uma das obras mais importantes de Dejours, "A Loucura do Trabalho", foi publicada na França. No Brasil, a primeira edição da obra foi lançada em 1987 com a presença do autor no país. Foi por meio desse livro que avançaram os estudos em psicopatologia do trabalho (Dejours, 1987).

A obra passa a ser referência básica entre diversos profissionais, inclusive professores. É a partir das questões presentes nesse estudo que o autor apresenta seu enfoque de investigação. O foco deixa de ser a questão da loucura e passa a ser o sofrimento no trabalho (Dejours, 1987). No entanto, ao investigar a relação entre sofrimento no trabalho e patologias mentais, Dejours também conclui que o trabalho pode ser fonte de prazer, podendo contribuir para o desenvolvimento e a construção da saúde (Dejours, 2021).

A psicodinâmica do trabalho, portanto, defende a hipótese de que o trabalho sempre coloca a subjetividade à prova, de modo que esta última pode sair fortalecida ou, ao contrário, diminuída, mortificada. Dessa forma, não se pode falar de neutralidade do trabalho no que tange à subjetividade e, consequentemente, à saúde (Dejours, 2004, 2013, 2022a). Essa constatação evidencia que o trabalho é uma fonte inesgotável de paradoxos que pode dar origem a dolorosos processos de alienação, mas também pode ser instrumento de emancipação, aprendizado, solidariedade e democracia (Dejours, 2007).

Diante do reconhecimento da importância da Psicodinâmica do Trabalho nos estudos acerca do trabalho e suas implicações na esfera individual e social, da centralidade do trabalho e de sua relação com as vivências de prazer/sofrimento, saúde/doença, compreende-se que essa abordagem pode contribuir consideravelmente para a investigação do fenômeno da aposentadoria de professores universitários. Essa reflexão se apoia no fato de que a aposentadoria aqui abordada perpassa diretamente o trabalho, seja aquele realizado antes da aposentadoria que resultou no direito ao benefício, seja aquele realizado após a efetivação desse fenômeno.

Método

Delineamento de Pesquisa

O presente estudo é uma pesquisa de caráter qualitativo, na medida em que considera questões específicas de uma realidade que não pode ser mensurada ou investigada a partir da operacionalização de variáveis (Minayo, 2004).

Participantes

Quanto aos participantes deste estudo, têm-se quinze professores universitários aposentados legalmente por idade e/ou por tempo de contribuição. Esses participantes foram professores de universidades públicas – estaduais e federais – no estado da Paraíba.

A indicação dos primeiros participantes do estudo ocorreu por intermédio de uma das pesquisadoras que compõe o mesmo grupo de pesquisa dos autores. A solicitação da indicação dos participantes se justifica pelo fato de que a pesquisadora em questão esteve vinculada a uma Instituição de Ensino Superior na qual teve relações profissionais com professores que passaram pelo processo de aposentadoria.

A partir disso, os autores formularam uma lista com os endereços eletrônicos dos possíveis entrevistados. O primeiro contato aconteceu por ligação ou mensagem de texto por aplicativo de celular. Em seguida, foi verificado o interesse dos professores aposentados em participarem da pesquisa.

Conforme ocorriam as entrevistas, novos participantes foram indicados a contribuir com o estudo por meio da técnica de bola de neve. Essa técnica integra a aplicação de cadeias de referências, na qual os sujeitos da pesquisa são solicitados a indicar novos contatos a partir da sua rede pessoal (Vinuto, 2014).

Entrevistas

As entrevistas aconteceram entre dezembro de 2022 e março de 2023 e foram realizadas individualmente, de forma presencial. Dos 15 participantes, 10 optaram por realizar a entrevista em suas residências, três no seu atual local de trabalho e dois no espaço disponibilizado pelos pesquisadores (escritório particular).

Antes da pesquisa propriamente dita, foram esclarecidas possíveis dúvidas sobre o estudo. Logo após, cada participante assinou os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Autorização de Gravação de Voz. Em sequência, os materiais foram produzidos; para tanto, dois instrumentos foram aplicados: um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada.

Por meio da aplicação do questionário foi possível identificar, brevemente, o perfil dos participantes. Os dados requeridos, neste instrumento, permitiram o acesso a informações pessoais e profissionais, tais como idade, gênero, estado civil, presença ou não de filhos, grau acadêmico, área de formação, idade em que se aposentou e tempo de aposentadoria.

A entrevista foi realizada com o objetivo de conhecer melhor o fenômeno pesquisado, por meio do relato de experiências de cada sujeito-participante. A partir disso, optou-se pela entrevista semiestruturada com base no testemunho, que busca colher depoimentos que permitam a exploração dos conhecimentos das pessoas e suas representações, isto é, opiniões, sentimentos, valores, crenças, etc. (Laville & Dionne, 1999).

A entrevista semiestruturada foi constituída mediante roteiro previamente elaborado. Os temas que a nortearam versaram sobre o momento de pré-aposentadoria, a efetivação dela e a vida pós-aposentadoria. Essa etapa da pesquisa contou com o uso da gravação de voz, para assegurar a precisão das respostas e a riqueza das informações.

Análise dos Dados

Os materiais produzidos foram analisados mediante análise de conteúdo com recortes por temas, conforme descrito por Laville e Dionne (1999). Por meio desse tipo de análise, o pesquisador pode se conectar, de forma eficaz, com o material pesquisado, uma vez que ele deve construir suas unidades de análise com base em sua compreensão dele. Ao recortar os conteúdos em elementos, o pesquisador poderá, logo após, ordená-los em categorias (Laville & Dionne, 1999).

Para a análise e a discussão dos elementos foram utilizadas, além da literatura produzida sobre a temática, as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. O pesquisador, nesta fase, elabora e identifica os elementos subjetivos, nos quais os conceitos teóricos são ferramentas que permitirão explicar e dar sentido ao material produzido (Heloani & Lancman, 2004).

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, sob o protocolo nº 5.982.347. CAAE: 64048822.3.0000.5188. O estudo obedeceu aos aspectos éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que protege os direitos dos participantes das pesquisas científicas, mediante a ética inerente ao crescimento científico e tecnológico.

Resultados e Discussão

Perfil dos participantes

O perfil dos participantes compreendeu quinze professores aposentados, afastados integralmente do trabalho docente universitário. Todos se aposentaram por idade e/ou por tempo de contribuição. Os participantes tinham entre 62 e 91 anos, e a média de idade é de 73 anos. Nove participantes se identificaram com o gênero feminino e seis com o masculino. A maioria é casada (60%) ou viúva (20%); os demais são solteiros (13,3%) e um é divorciado (6,7%). Apenas um participante não tem filhos.

Os participantes têm formação nas áreas de letras (3), fisioterapia (2), odontologia (2), linguística (2), sociologia (1), economia (1), história (1), agronomia (1), farmácia (1) e design de produtos (1). Quanto à titulação acadêmica, oito participantes têm doutorado (dois deles concluíram estágio pós-doutoral), cinco, mestrado, e os demais, especialização.

No que diz respeito ao trabalho docente, todos os participantes foram professores de universidades públicas, estaduais e/ou federais.

O tempo de aposentadoria dos participantes variou entre dois meses e 25 anos; em média, estão aposentados há nove anos e dois meses. No que se refere à idade em que se aposentaram, a mínima foi de 45 anos e a máxima, de 78. No que concerne ao gênero, a média de idade em que a aposentadoria foi efetivada entre as pessoas do gênero feminino foi de 64 anos e sete meses; quanto ao gênero masculino, foi de 63 anos. As pessoas do gênero masculino se aposentaram cerca de um ano e meio mais cedo que as do gênero feminino.

A aposentadoria de professores universitários

A aposentadoria de professores universitários envolve uma série de fatores que repercutem no modo como ela é experienciada. Entre esses aspectos, destaca-se a maneira como a aposentadoria foi efetivada. Apesar da impossibilidade de esse fenômeno ser vinculado a uma causa específica, entre os principais elementos que colaboram para a sua efetivação, ressalta-se a predominância das demandas do trabalho docente como um dos componentes que, quando somados a outros, influenciam sobremaneira a escolha pela aposentadoria entre os professores universitários:

> Achava, na minha concepção, que eu não estava acompanhando o desenvolvimento da fisioterapia na minha área, e que eu via alunos que estavam, não que eles soubessem mais, mas eu acho que tinha inovações e que eu não tinha, e que muitas vezes eu não podia ir buscar (P9).
>
> Sentia dificuldade na questão das práticas porque a [universidade] não tem um campo de atuação, assim, para a saúde pública mesmo […] aí também, como eu já estava, assim, no meu tempo mesmo, eu senti vontade de me aposentar porque, assim, como a gente trabalhava muito […] não tinha tempo (P13).
>
> Como eu dava muita aula, a aposentadoria veio como realmente um benefício muito grande […] e gostaria de viver mais livre, sem tanta preocupação, porque o professor é professor a vida toda, e a gente estar sempre se preparando para a aula, para escrever alguma coisa, para fazer alguma conferência, para orientar (P15).

O trabalho do professor universitário envolve um somatório de atividades que extrapolam as normativas curriculares das disciplinas designadas a ele. Essas atividades incluem planejamento, preparação e registro de aulas; geração e produção de pesquisas científicas; trâmites administrativos; desenvolvimento e organização de produtos científicos por meio de cursos, congressos, jornadas científicas etc. Desse modo, o trabalho docente no ensino superior não se desenvolve de forma isolada, pois requer diversos elementos que se relacionam entre si, organizando-se de forma dinâmica e complexa (Ferreira & Pezuk, 2021).

A alta carga de trabalho e as múltiplas tarefas do professor universitário tendem a ultrapassar o ambiente de trabalho e podem contribuir para uma sobrecarga, gerando efeitos negativos na percepção desses profissionais quanto às suas atividades profissionais (Ferraz & Batista, 2021; Macêdo, 2019; Nascimento & Polia, 2019). Como agravante, essas demandas podem causar danos à saúde física e psíquica dos professores, repercutindo na própria atividade profissional (Pereira & Souza, 2021). Essa realidade fez com que muitos optassem pela aposentadoria em vez da continuidade do trabalho docente:

> Chegou um ponto que parece que já não valia mais a pena, e a pandemia com o ensino remoto, ainda complicou muito mais [...] então a pandemia foi a gota d'água. [...] Vem também a questão física, eu comecei a perceber que era muito cansativo. É muito cansativo até chegar à sala de aula, enfim (P1).
>
> Na época eu estava mais cansada, adoecida e já não estava com aquela alegria que eu tinha antes de sala de aula, eu estava mais desiludida da sala de aula, já não estava com aquele entusiasmo de anos atrás […] não sei se é porque eu estava adoecida ou também por questões mesmo de mudança de estilos, de modo de ser nas salas de aula em relação ao alunado (P10).

Além da relação entre trabalho e adoecimento, outro fenômeno pode ser observado como essencial na escolha pela aposentadoria: a idade, ou melhor, as limitações por ela impostas. Assim, o trabalho, a saúde e o avanço da idade são elementos que atravessam diretamente a aposentadoria de professores universitários. Essa relação culmina em preocupações e inseguranças entre os trabalhadores quanto ao futuro. À medida que o professor vê sua saúde comprometida e percebe a idade como um agravante dessa condição, garantir o direito legal da aposentadoria torna-se o objetivo principal:

> A idade que chega, não é? Eu, na universidade, foi uma questão, assim, de priorizar outros trabalhos, outras oportunidades. Meu salário na época já estava muito reduzido, né? Vamos dizer assim, já para época, é uma demanda de filhos já crescidos e eu tive a oportunidade para ir para outra Instituição de Ensino Superior, fui ser coordenadora pedagógica (P4).
>
> A idade chegando, a doença também, que eu comecei a [adoecer] e os alunos notavam. Aí eu ficava aborrecida com isso, aí eu pedi licença, depois me aposentei. E também essa história de Bolsonaro, que ele chegou, ele atrapalhou muito. Aí, ele fez eu me aposentar mais rápido (P6).

> Foi até uma surpresa, né? Eu nem sabia que tinha direito a essa aposentadoria […] então, como a legislação estava pra mudar, ia passar pra idade de 65 anos as regras previdenciárias, então, aproveitei e me aposentei, né? […] e foi esse o motivo (P7).

Essa realidade corrobora o estudo de Schlesener e Lima (2021), no qual se evidenciou que as reformas da previdência, em muitos casos, são as responsáveis por os docentes solicitarem a aposentadoria antecipada, uma vez que eles buscam a garantia de direitos que com as reformas seriam perdidos. Isso indica que, para não perder o direito legal, o professor se retira do trabalho docente sem que, necessariamente, esse seja de fato seu desejo inicial. Esse fato se agrava quando a aposentadoria deixa de ser um processo que permeia decisões e escolhas e ocorre compulsoriamente:

> Completei 70 anos e, pouco tempo depois, não foi nem um mês depois […] me disseram que eu não podia mais nem assinar nada da carteira […] os diários de classe, que eu não tinha mais vínculo com a universidade. […] Quando eu saí da universidade, eu fui fazer uma terapia de novo, porque eu não me conformava de ficar sem trabalhar, sabe?... eu fiquei muito mal (P5).
>
> Fui para o doutorado para atender uma necessidade da própria faculdade de medicina […] quando eu cheguei com o doutorado, estava naquela época da reforma, que quem não se aposentasse até aquela data perderia o direito […] na época, eu tinha 70, eu fui aposentadoria compulsória e traumática, porque eu tinha muito sonho do doutorado. É como se fosse "ali jaz" (chora) (P8).

Ao deixar o trabalho compulsoriamente, sem controle sobre essa escolha, o sujeito pode sofrer impactos negativos e preocupantes em diversas áreas da vida. Assim, a aposentadoria, especialmente quando compulsória, representa uma ruptura importante na vida do trabalhador, podendo gerar ainda mais consequências, tanto na construção identitária quanto na saúde (Ferreira et al., 2022). Esses profissionais, geralmente, estão mais vulneráveis a sentir intensamente os efeitos da inatividade durante a aposentadoria (Pereira & Souza, 2021).

Esse cenário em que se efetiva a aposentadoria indica que esse é um importante elemento de análise, pois, a depender do modo como se concretiza, ela pode não envolver planejamento, expectativas ou, até mesmo, desejo. Essas questões alteram e ressignificam os indivíduos que realizaram, ou não, uma reflexão sobre o futuro, agora encarado no presente (Scremin et al., 2018). Quando a aposentadoria é bem refletida, pode oportunizar aos sujeitos a elaboração de novos significados quanto ao espaço, ao tempo e às pessoas (Souza et al., 2019). Nesse sentido, um dos participantes aponta que:

> Já sonhava com a minha aposentadoria […] estou vivendo melhor, não parei de trabalhar, não parei de ler, diminui as conjecturas com as interações negativas, saí dos grupos de estudo, dos grupos de trabalho […] pensa numa libertação apertar um botão aqui no computador e deletar tudo. Para mim isso foi ótimo. […] Eu estou tendo tempo para andar de fusca, andar de kombi, fazer doação dos livros que eu achava impossíveis saírem da minha estante (P12).

A transição trabalho-aposentadoria envolve não apenas um ajustamento à nova etapa de vida, mas também a construção de novos sentidos para si e de novas relações entre as diversas esferas da vida (Macêdo, 2019). Isso significa que, apesar de a aposentadoria representar o fim de um ciclo, o seu significado varia de acordo com a percepção que foi construída em seu contorno (Staviski et al., 2020). Entretanto, muitas vezes, embora o sujeito idealize a aposentadoria, ele não vislumbra suas reais necessidades para essa nova fase (Scremin et al., 2018). Essa realidade pode ser observada na fala dos participantes:

> O meu ideal para a aposentadoria era outro. Era comprar uma van, uma van grande ou então uma Ducato […] prepará-la para sair viajando com a minha esposa por toda América Latina, no mundo inteiro, percorrendo, tirando foto, fazendo vídeos, conhecendo os países, escrevendo livro de história, esse era o meu projeto de aposentadoria … não foi porque a vida não permitiu (P14).
>
> Idealizei de forma diferente demais do que está sendo. Porque eu pensei que ia viajar com o meu marido, muito. Que eu gosto muito de viajar, e aí adoeci e não pude […] não está sendo do jeito que eu pensei, de jeito nenhum. […] É difícil porque eu fico muito parada e eu era muito ativa, sabe? Muito dinâmica (chora) (P6).

As narrativas dos participantes destacam o ato de viajar como um dos elementos principais quanto à idealização da aposentadoria, o que gera consequências negativas diante de sua impossibilidade. Esse achado corrobora os dados da pesquisa de Macêdo (2019), que, ao realizar um estudo com professores de uma universidade pública que optaram por continuar trabalhando, observou que viajar é um dos projetos mais valorizados entre os participantes. Viajar, para os professores, constitui um momento de sair da rotina e relaxar, além de contribuir, principalmente, para a consecução de projetos familiares (Macêdo, 2019).

Para Dejours (1987), ao trabalhar, o sujeito convoca toda a família para que enfrentem juntos as dificuldades e desafios do trabalho. Nesse cenário, o(a) cônjuge torna-se um dos familiares fortemente atingidos pelos efeitos do trabalho sobre aquele que o realiza (Dejours, 1987). As dificuldades encontradas no trabalho são carregadas para fora do ambiente profissional e, muitas vezes, descarregadas nos familiares, o que torna a convivência intragável e, por vezes, difícil (Dejours, 2022a).

Assim, viajar com o cônjuge pode significar, além da necessidade de descanso, o desejo de reparar e compensar os danos deixados pelo trabalho.

Contudo, apesar de o trabalho ser uma parte importante do cotidiano e representar um tempo de afastamento, também pode ser coerente com o lazer, a família e as férias. O trabalho é uma atividade que causa fadiga, mas também desenvolvimento (Dejours et al., 1993). Além disso, na medida em que o trabalho pode causar infelicidade e doença, pode igualmente ser mediador da autorrealização e da saúde (Dejours, 2007, 2008). Por essa razão, não é incomum que as pessoas em contexto de aposentadoria vivenciem dificuldades psicológicas e de ajustamento a essa nova fase da vida (Herdy, 2019; Silva, 2019). Assim, os participantes retratam que:

> Não planejava me aposentar […] fui ver depois como era que eu ia resolver minha vida sem o meu trabalho […] as coisas que eu pensava que iria fazer, eu queria aprender a tocar violão […] muita coisa eu não fiz (P5).
>
> Quando eu me aposentei eu não pensei […] e depois eu vi que deveria. […] No primeiro ano, fui me tratar, me organizar. Me senti melhor, me senti feliz porque estava livre de tudo e aí me dediquei ao crochê. […] Depois que passou a pandemia, essa fase do encantamento com o crochê todinho passou […] aí me veio a sensação de um vazio […] comecei a idealizar voltar a trabalhar […] mas não tive coragem de enfrentar (P10).
>
> Nem pensei muito, te confesso! […] Claro, naturalmente você quer continuar em algum tipo de atividade para não parar sua cabeça […] no meu caso, tem chefia, tem isso, tem aquilo, tem pesquisa, CNPq […] você tem uma rotina. Aí, de repente, essa rotina, ela é completamente eliminada e o cara está em casa (P11).

O trabalho ocupa um lugar central no desenvolvimento da personalidade, desde a primeira infância até a maturidade (Dejours, 2021). Essa realidade se associa ao fato de que o trabalho é a ocupação que perdura por mais tempo no cotidiano do adulto, demandando grande investimento da vida pessoal. Por isso, é necessário um planejamento do período posterior à aposentadoria, já que essa fase requer adaptação mental e física, especialmente para que o trabalhador se reconheça como aposentado (Nascimento & Polia, 2019). Assim como ocorre com o trabalho, a aposentadoria tanto pode ser um momento favorável à subjetividade quanto pode comprometê-la.

Portanto, a aposentadoria é um evento significativo, visto que rompe com uma história individual, construída ao longo do tempo, recaindo sobre o valor simbólico e o papel social até então desempenhado (Ferreira et al., 2022). As consequências desse rompimento evidenciam a relação entre trabalho, *status* social e reconhecimento, uma vez que, com a chegada desse fenômeno, o aposentado vê-se recebendo o título de inativo e perdendo o seu lugar como sujeito ativo na instituição e, consequentemente, na sociedade. Sobre esse aspecto, os participantes referem que:

> Você se aposenta dentro da universidade, no caso nosso, como funcionário público, você recebe um título de inativo, aposentado não quer dizer que seja inativo. Inativo eu acho uma palavra muito forte, assim, como se não tem mais condição de fazer mais nada, e não é isso! Chegar e dizer: "oh, aposentou, acabou, morreu. Deixou de existir dentro da universidade!". Então, isso a gente sente como se fosse uma frustração, né? Porque os colegas, os departamentos […] o reitor […] não reconhece mais. Deixou de existir (P2).
>
> É outro desastre também quando você se aposenta, você pode ter feito mil coisas, você sai como se fosse um traste do serviço público. Eu acho que tinha que ter um momento […] mas "aposenta, vai embora", se sai sem ter uma mensagem? (P8)
>
> No próprio momento que você se aposenta, você já é, assim, é como se fosse um grupo esquecido. É tanto que, por exemplo, você sai da instituição, e, às vezes, você nem é agradecido por quem está na gestão […] você se aposenta, você só vai no setor de recursos humanos. Quando você ver, você já está aposentado, o meu foi assim. Não tem nenhuma homenagem, nenhum agradecimento oficial. […] Tem que valorizar mais quem está se aposentando porque a coisa melhor do mundo é você sentir o reconhecimento. Não é questão de vaidade (P13).

Segundo Dejours (2004), o reconhecimento da qualidade do trabalho, da contribuição à gestão e da evolução da organização do trabalho é um ponto absolutamente essencial, pois é a forma específica de retribuição simbólica dada ao ego, como recompensa por sua contribuição ao funcionamento dessa organização, ou seja, pelo engajamento e pela inteligência. Embora Dejours (2004) não tenha abordado diretamente a aposentadoria em seus estudos sobre a psicodinâmica do reconhecimento, o desejo de utilidade e a ausência de reconhecimento também são uma realidade que atravessa os professores aposentados:

> Acho que você enquanto professor, você foi referência, né? E, às vezes, você ter um reconhecimento, isso é tão bom, amacia um pouco o ego da gente, né? E você não ter, às vezes, você passar, você não ser cumprimentado (P9).
>
> Acho que a palavra "aposentadoria" tão pesada. É como se você não existisse mais, você é esquecida […] a gente tem que procurar manter os relacionamentos […] porque você sai do circuito, mas o circuito de que eu digo assim, que gera vida, na nossa realidade, é o trabalho, é o trabalho! Você tem que estar trabalhando (P10).

Há um sentimento de utilidade que é próprio daqueles que trabalham. Assim, aqueles que estão fora do campo de trabalho não podem gozar da retribuição simbólica que é o reconhecimento (Dejours, 2008). Por essa razão, é tão perigoso para a saúde mental o ato de "pendurar as chuteiras" ou de ficar desempregado: o sujeito se torna inútil para o outro (Dejours, 2022). Porém, quando a dinâmica do reconhecimento funciona, o sujeito se beneficia de uma retribuição simbólica que pode se instaurar no âmbito da realização do ego e no campo social (Dejours, 2007).

Assim, as narrativas dos participantes chamam a atenção para a relevância da inserção de políticas de valorização e de reconhecimento da trajetória profissional e das contribuições dos professores para o desenvolvimento da instituição (Ribeiro et al., 2019). O reconhecimento é um dos processos que estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade (Augusto & Rocha, 2016). Logo, a ausência do reconhecimento proporcionado pelo trabalho pode tornar a aposentadoria uma experiência complexa e dolorosa (Iizuka, 2021).

Contudo, embora a aposentadoria esteja, com frequência, associada à inatividade e à ausência de reconhecimento do aposentado como trabalhador, essa fase não representa, necessariamente, uma ruptura total com alguma atividade de trabalho. A aposentadoria, em muitos casos, é um momento de encontro com outras atribuições ou de maior aproximação com certas atividades de trabalho já desenvolvidas anteriormente. No caso das participantes do gênero feminino, essa realidade pode ser observada pela ênfase dada ao trabalho doméstico e/ou ao cuidado familiar. Nesse caso, as participantes apontam que:

> Tenho a consciência que estou na última etapa de minha vida, e eu queria estar mais presente na vida dele [esposo] e ele na minha vida, estar mais presente na vida dos filhos, dos netos, agora com bisneto. […] Tenho ocupado o meu tempo com minhas atividades domésticas, e com contato com a minha família, com viagens pequenas […] e com minha paixão que é a fotografia (P1).
>
> Sou uma pessoa que se não tem trabalho eu invento, nem que seja dentro de casa […] eu tenho muito envolvimento com a igreja, vou lá várias vezes por semana com trabalhos que eu realizo lá. Tem a questão da minha família também, de mainha que é idosa, 88 anos, e eu também dou assistência, aí já tenho um filho que tem netinho, e você sabe que vó, tem outra função também, coopera aí com essa história (P3).
>
> Me sinto muito feliz, assim, tenho minhas duas filhas, minha vida normal doméstica, me sinto muito bem realizada […] me sinto completa com minhas filhas, o meu tempo gasto com elas, como minha neta, viajo com algumas amigas. Então, a única coisa que eu tenho que fazer é intensificar um pouco isso, de eu viajar mais, de eu me divertir mais (P13).

De acordo com Hirata e Kergoat (2021), a sociedade tende a atribuir o trabalho doméstico e de cuidados ao sexo feminino, caracterizando, portanto, a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres. Para as autoras, tanto o trabalho doméstico quanto o trabalho parental devem ser conceitualizados como trabalho reprodutivo (Hirata & Kergoat, 2021). Em contrapartida, o trabalho produtivo é visto como atividades destinadas, prioritariamente, aos homens, isto é, trabalhos de âmbito público e racional, com maior prestígio social, como os de políticos, religiosos, militares etc. (Hirata & Kergoat, 2007; Kergoat, 2003).

É evidente que uma vasta massa de trabalho é efetuada pelas mulheres sem que recebam remuneração por ele, que esse trabalho é invisível e que, com frequência, é realizado para os outros em nome da natureza, do amor e da obrigação materna (Hirata & Kergoat, 2007; Kergoat, 2003). Essa situação não se distancia da encarada pelas professoras aposentadas, que, ao enfrentarem as demandas domésticas e as preocupações decorrentes dos cuidados familiares, sem que necessariamente possam optar por isso, percebem a saúde comprometida. Nesse sentido, chama a atenção a prioridade dessas atividades no cotidiano feminino, mesmo após a aposentadoria:

> Não sentia o peso do trabalho doméstico, hoje eu estou sentindo, e isso tá me incomodando, isso eu acho que pode levar a um problema mais sério, a doenças. […] Tenho ficado em casa, só em casa com a família. […] O trabalho de casa lhe consome […] eu estou precisando de uma outra atividade fora de casa, para eu dividir esse trabalho de casa (P9).
>
> Meu planejamento é 50% primeiro lugar tudo isso, né? Academia, pilates, aeróbica, tudo isso e os outros 50% cuidar da outra parte da minha vida que é […] cuidar de minha mãe que tem 93 anos, precisa de mim […] e ajudar, às vezes, as minhas filhas, que tenho os netinhos tudo pequeno […] esse apoio que preenche muito também, que me enche muito também de preocupação às vezes na cabeça, as coisas da família (P10).

Para Dejours (2008), a discriminação do trabalho reprodutivo é demasiadamente nociva e desconsidera a soma desse cenário com as diversas outras atribuições femininas. Ele acrescenta que, na maioria dos casos, o trabalho exercido pelas mulheres é altamente oposto ao dos homens (Dejours, 2008). Embora Dejours (2008) destaque o fenômeno do trabalho, os caminhos percorridos na aposentadoria entre o gênero feminino e o masculino também se opõem com frequência. No entanto, não se pode dizer que o gênero masculino não se compromete com as atividades domésticas e de cuidado, como se observa a seguir:

> Continuo trabalhando do mesmo jeito, com a mesma dedicação, e o principal trabalho que assumi na aposentadoria, porque me aposentei para cuidar de meu filho. […] Nesse período, eu aprendi a ler russo […] e aperfeiçoando as outras línguas

> que conheço e lendo muito […] eu escrevo poesia, mesmo que seja só pra mim ... eu gosto de tocar instrumento de música, não tenho tempo para tocar melhor, mas eu toco sax, eu me sento no piano, toco piano, toco umas coisinhas de nada. (P14)

A partir da fala do participante 14, é possível identificar que, embora tenha se aposentado para cuidar do filho, ele ainda exerce, atrelada a essa função, outras atividades, geralmente associadas ao lazer. Enquanto, para o gênero feminino, a aposentadoria é vivenciada com ênfase nos espaços privados, de cuidados domésticos e familiares, nos quais, na maioria das vezes, os deveres consigo e os momentos de lazer são secundários, para o gênero masculino, a aposentadoria é experimentada de forma mais equilibrada, ultrapassando os espaços domésticos com atividades externas de trabalho e lazer:

> Estou exercendo outras atividades que não é na profissão, dentro da igreja exerço algumas atividades que requerem preenchimento do meu tempo […] eu também participo de uma associação, essa associação é formada por profissionais liberais […] então eu participo disso aí, que também, né? Leva o meu tempo (P2).
>
> Intensifiquei as atividades como médico, né? Fazendo especialização em medicina do trabalho em perícias médicas. […] Então, a aposentadoria, não representou pra mim, quer dizer, parar de trabalhar, e foi o início de uma nova etapa, né? onde eu passei a exercer atividades como médico, né? De maior complexidade e até hoje ainda exerço essa atividade com os meus 70 anos (P7).
>
> Uma vez ou outra eu dou uma palestra. […] Tenho oficina, eu gosto de construir coisas, eu não paro. Então, eu tenho o meu escritório aqui com o meu computador, com meus livros. Pronto, eu estou escrevendo esse livro agora, com uma colega minha lá de economia. Portanto, continuo em uma atividade, mas que uma atividade prazerosa (P11).
>
> Após a aposentadoria, eu me dediquei ao colecionismo. Assim, eu coleciono selos, coleciono moedas, coleciono dinheiro, coleciono cédulas […] com a aposentadoria, a gente não para. A vida continua mesmo depois de aposentado […] quem se aposenta, não pode parar, tem que continuar trabalhando, pelo menos intelectualmente, com a mente […] que ninguém pare, continue depois do trabalho e da aposentadoria (P15).

A análise das narrativas dos participantes sinaliza dois pontos que se aproximam: a centralidade do trabalho, por um lado, e a divisão sexual do trabalho, por outro, evidenciando que essas unidades não se esgotam com a aposentadoria. Dessa forma, reconhecer a centralidade do trabalho na aposentadoria é assumir que essa discussão perpassa questões de gênero, em que a divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais entre os sexos, mas não apenas isso: é um fator prioritário para a sobrevivência dessas relações (Hirata & Kergoat, 2007; Kergoat, 2003).

À luz do exposto, em que se considerou a aposentadoria de professores universitários, observa-se que a investigação desse fenômeno depende de vários elementos que se complementam. Assim, a análise da aposentadoria atravessa, entre outras esferas, questões como demandas do trabalho docente, o contexto em que foi efetivada, idealizações, expectativas e planejamento ou a ausência deles diante dessa nova etapa, a relação dos sujeitos com o trabalho, a falta de reconhecimento e as questões de gênero.

Considerações Finais

A investigação das repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários indica que esse fenômeno não deve ser analisado apenas sob uma perspectiva. A constatação de que a aposentadoria é somente uma etapa em que homens e mulheres se afastam legalmente do seu trabalho, desfrutando de pleno descanso, implica deixar de lado uma vasta gama de circunstâncias que perpassam e acompanham essa fase. A aposentadoria, apesar de representar um direito legal do trabalhador, não deve ser reduzida apenas a questões objetivas, sem que aspectos subjetivos, sociais e históricos sejam levados em consideração.

Os resultados do presente estudo, em que se consideraram as narrativas de professores universitários, apontam que a aposentadoria é uma etapa de vida significativa e vivenciada de forma particular por cada sujeito. No entanto, há certas circunstâncias que, embora sejam experimentadas de modo específico, são comuns aos professores aposentados. As demandas do trabalho docente, as limitações impostas pela idade e a insegurança quanto ao futuro são fatores que tendem a caracterizar a efetivação da aposentadoria dessa categoria. Essa realidade não deixa de denunciar o cenário sob o qual esse fenômeno se inscreve.

Essas especificidades repercutem na maneira como a aposentadoria é vivenciada. Quando efetivada, a aposentadoria de professores universitários envolve, além do próprio contexto de sua efetivação, situações como a possibilidade ou não de essa fase ter sido antecipada ou adiada, as limitações da idade, problemas e cuidados com a saúde, as atividades de trabalho realizadas na aposentadoria e as questões socialmente atribuídas a cada um dos gêneros; o que significa que jamais a aposentadoria poderá ser vivida por dois ou mais indivíduos da mesma forma.

Por fim, diante do material produzido e dos resultados destacados nesta pesquisa, ressalta-se a relevância de estudos que discutam a temática da aposentadoria, especialmente de professores universitários. Investigações como essas perpassam

áreas de conhecimento, como a educação e a psicologia, além de campos de estudo que abordem assuntos como trabalho, saúde mental e envelhecimento.

Referências

Abreu, C. B. (2014). *O prazer e a dor da aposentadoria: Desinvestimento na carreira de docentes do ensino superior* [Apresentação de trabalho]. XVII SEMEAD – Seminários em Administração, Butantã, SP, Brasil, 29-31 de outubro. https://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/430.pdf

Amaral, L. D. B. C., & Torres, T. L. (2017). Representação social da aposentadoria para professores universitários. *Psicologia e Saber Social*, *6*(2), 130-145. https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.23594

Antunes, M. H., & Parizotto, A. P. A. V. (2013). Reflexões sobre a aposentadoria: Contribuições a partir das experiências de professores aposentados. *Psicologia Argumento*, *31*(75), 769-779. https://doi.org/10.7213/psicol.argum.31.075.AO14

Antunes, M. H., Soares, D. H. P., & Moré, C. L. O. O. (2018). O processo de desligamento laboral: Vivências narradas por casais aposentados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *18*(3), 793-811. https://www.redalyc.org/journal/4518/451859374005/451859374005.pdf

Augusto, M. M., & Rocha, I., Neto. (2016). Identidade, trabalho e aposentadoria: Estudo com trabalhadoras aposentadas de uma fundação pública. *Enciclopédia Biosfera, 13*(23), 1581-1592. https://doi.org/10.18677/Enciclopedia_Biosfera_2016_141

Borsoi, I. C. F., & Pereira, F. S. (2017). Perspectivas acerca da aposentadoria na percepção de docentes de uma universidade pública federal. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *20*(2), 173-186. https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v20i2p173-186

Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view

Cruz, V. F. E. S. D., Tagliamento, G., & Wanderbroocke, A. C. (2016). A manutenção da vida laboral por doentes renais crônicos em tratamento de hemodiálise: Uma análise dos significados do trabalho. *Saúde e Sociedade*, *25*(4), 1050-1063. https://doi.org/10.1590/S0104-12902016155525

Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho* (5a ed.). Cortez.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, *14*(3), 27-34. https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004

Dejours, C. (2007). *A banalização da injustiça social* (6a ed.). Fundação Getulio Vargas.

Dejours, C. (2008). *Trabalho, tecnologia e organização-n. 2: avaliação do trabalho submetida à prova do real-Crítica aos fundamentos da avaliação*. Blucher.

Dejours, C. (2013). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, *33*(2), 9-28.

Dejours, C. (2021). *Psicodinâmica do trabalho: Casos clínicos*. Dublinense.

Dejours, C. (2022). *Trabalho vivo I: Sexualidade e trabalho* (2a ed.). Blucher.

Dejours, C., Abdoucheli, E., Jayet, C., & Betiol, M. I. S. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.

Dejours, C., Dessors, D., & Desriaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de Empresas*, *33*, 98-104.

Ferraz, R. F., & Batista, M. A. (2021). Envelhecimento e trabalho docente: Motivos para permanência no trabalho após a aposentadoria. *Revista Longeviver*, (2), 28-40. http://memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/artigos/934-1544-1-SM.pdf

Ferreira, E. C., & Pezuk, J. A. (2021). Síndrome de Burn-out: Um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, *26*(2), 483-502. https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000200008

Ferreira, D. N., Batista, M. P. P., Lancman, S., & Barros, J. O. (2022). Implicações da aposentadoria compulsória por idade: Reflexões e perspectivas. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, *32*(1-3), e204821. https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/204821/189633

França, L. H. D. F. P., Menezes, G. S., Bendassolli, P. F., & Macedo, L. S. S. (2013). Aposentar-se ou continuar trabalhando? O que influencia essa decisão? Psicologia: Ciência e P*rofissão*, *33*(3), 548-563. https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300004

Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, *35*(122), 229-248. https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200006

Fontoura, D. D. S., Doll, J., & Oliveira, S. N. D. (2015). O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. *Educação & Realidade*, *40*(1), 53-79. https://doi.org/10.1590/2175-623645774

Heloani, R., & Lancman, S. (2004). Psicodinâmica do trabalho: O método clínico de intervenção e investigação. *Production*, *14*(3), 77-86. https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009

Herdy, J. S. (2019). Preparação para aposentadoria: O que pensam os professores universitários. In K. C. A. Portela & A. J. Schumacher (Eds.)*, Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira* (Vol. 5, pp. 160-172). Atena. https://doi.org/10.22533/at.ed.556192008

Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, *37*(132), 595-609. https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf

Hirata, H., & Kergoat, D. (2021). Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho*, (53), 22-34. https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.50869

Iizuka, C. E. D. P. (2021). *Processo de reversão de aposentadoria: Estudo sobre suas repercussões em servidores públicos federais* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. https://repositorio.unb.br/handle/10482/42209

Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2015). Trabalho e aposentadoria militar: Singularidades de uma travessia psíquica. *Psico-USF*, *20*(1), 25-38. https://doi.org/10.1590/1413-82712015200103

Kergoat, D. (2003). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In H. Hirata, F. Laborie, H. Le Doaré & D. Senotier (Orgs.), *Dictionnaire critique du féminisme* (M. Nobre, Trad.). Ed. Presses Universitaires de France. https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/862885/mod_resource/content/0/Daniele%20Kergoat%20Divis%C3%A3o%20sexual%20do%20trabalho.pdf

Krawulski, E., Boehs, S. D. T. M., Cruz, K. O., & Medina, P. F. (2017). Docência voluntária na aposentadoria: Transição entre o trabalho e o não trabalho. *Psicologia: Teoria e Prática*, *19*(1), 55-66. https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916004.pdf

Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.

Macêdo, L. S. S. (2019). *Trabalho, vida fora do trabalho e adiamento da aposentadoria para docentes universitários* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. *BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*. https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27916

Machado, C. N. C., & Lucas, M. G. (2017). Aposentadoria: Como professores vivenciam este momento? *Revista de Carreiras e Pessoas*, *7*(2), 567-588. https://doi.org/10.20503/recape.v7i2.32753

Minayo, M. C. S. (Org.). (2004). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.

Nascimento, P. D. M., & Polia, A. A. (2019). Planos para o futuro: Uma análise da perspectiva ocupacional de professores universitários para o período da aposentadoria. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, *27*(2), 390-402. https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1647

Pereira, I. A., & Souza, A. A. (2021). A aposentadoria na visão dos profissionais do ensino superior. *Percurso Acadêmico*, *11*(21), 47-66. https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2021v11n21p47-66

Schlesener, A. H., & Lima, M. F. (2021). Reflexões sobre a precarização do trabalho docente no Ensino Superior brasileiro. *Práxis Educativa*, *16,* 1-17. https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.15116.003

Scremin, M., Almeida, P. R., Palma, K. A. X. A., & Alencastro, P. D. O. R. (2018). Impacto na aposentadoria no cotidiano do servidor público federal/Impact of retirement on daily lives of federal public server. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO*, *2*(3), 524-541. https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto15049

Seligmann-Silva, E., Bernardo, M. H., Maeno, M., & Kato, M. (2010). O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, *35*(122), 187-191. https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200002

Silva, L. C. A. (2019). As implicações da aposentadoria na construção da identidade do idoso. *Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, *4*(8), 145-163. http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18687

Souza, M. C. D., Pinho, F. S. N. D., Carioca, J. M. G., & Pessoa, K. L. V. (2019). Preparação para a aposentadoria e ócio: possíveis contribuições da abordagem Gestáltica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, *20*(2), 119-129. https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v20n2/a11v20n2.pdf

Staviski, G., Gonçalves, V. S., Conceição, V. J. S., & Medeiros, F. E. (2020). Desenvolvimento profissional em Educação Física: Uma abordagem na socialização profissional de professores aposentados. *Humanidades & Inovação*, *7*(7), 408-420. https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2389

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, *22*(44), 203-220. https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977

Contribuição dos Autores

Genuino, E. M. A.: Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita – redação do rascunho original.
Zambroni-de-Souza, P. C.: Conceituação, Análise formal, Metodologia, Supervisão, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.

Fonte de Financiamento

Este artigo é derivado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, com apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Conflito de Interesses

Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade

A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref.*

Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares

Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável

Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados

Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X